



ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFMT EM TEMPOS DE PANDEMIA

Greicemara da Guia de Oliveira¹
Jeferson dos Santos²
Rosinete Maria dos Reis³

RESUMO

A situação ímpar em que o estado de Mato Grosso e o restante do mundo estiveram submetidos devido à pandemia de COVID-19, desde março do ano de 2020, alterou e impactou as atividades das instituições educacionais, sendo, inclusive, suspensas as aulas presenciais nas instituições educacionais municipais, estaduais, bem como as aulas nas Universidades Federais. Isso exigiu que o Ensino Superior remodelasse sua prática educativa e, a fim de dar continuidade às atividades curriculares e ao calendário letivo, passou a adotar estratégias de ensino não presenciais. Ao mesmo tempo, era desafiado a cumprir com as novas exigências impostas pelo período pandêmico. O componente curricular de Estágio Supervisionado II, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), a fim de respeitar as decisões governamentais de isolamento social, foi ofertado de maneira remota, ou seja, online por meio de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na educação, desenvolvido no ambiente virtual de aprendizagem institucional, ancorando-se na Resolução do CONSEPE, n.º 87, de 17 de dezembro 2020. A experiência de Estágio Supervisionado de Docência online tornou-se necessária como medida de distanciamento social, desafiando, assim, professores e estudantes a elaborar atividades de ensino mediadas pela tecnologia. O artigo objetiva trazer à discussão relatos dessa experiência com o Estágio Supervisionado remoto dos estudantes do curso de Pedagogia. Utilizou-se como procedimento metodológico a técnica da observação. A aula online auxiliou os estagiários a manterem o equilíbrio entre aprendizagem síncrona e assíncrona, incluindo uso de aulas gravadas, atividades compartilhadas online e uso das ferramentas virtuais, que permitem a interação em tempo real, onde podem conversar em salas de aula virtuais, perguntar, escutar e tirar dúvidas. O estágio docência, mesmo acontecendo remotamente, oportunizou ao futuro professor experiência e ajudou-o a melhorar a sua compreensão sobre a funcionalidade do conteúdo ensinado/apreendido ao longo da sua formação acadêmica.

¹ Estudante do 4º ano do curso de Pedagogia da UFMT. E-mail: oliveiragreicemara@gmail.com

² Estudante do 4º ano do curso de Pedagogia da UFMT. E-mail: jefersonsantos54@gmail.com

³ Professora Associada do Curso de Pedagogia do Instituto de Educação da UFMT e Supervisora do Estágio Supervisionado II. Email: rosinete.m.reis@gmail.com.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente relato objetiva apresentar as experiências obtidas durante o período de observação e da regência do Estágio supervisionado II, realizado em uma turma de segundo ano de uma Escola Municipal de Educação Básica de Cuiabá, no período de 15 de fevereiro a 31 de maio de 2021. A partir da anuência das partes envolvidas, da Coordenação do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e da Direção/Coordenação da Escola Municipal de Educação Básica, foi apresentado à unidade escolar o Termo de Compromisso, o cronograma do estágio/regência e o plano de ensino.

A preparação para o estágio *online* no curso de Pedagogia da UFMT seguiu o cronograma proposto no Guia de Estudos elaborado pela docente do curso de Pedagogia da instituição, responsável por acompanhar o estágio.

O compromisso firmado entre a Universidade e a escola seguiu o planejamento do componente curricular, distribuído pelas 225 horas pertencentes à sua carga horária. Conforme as diretrizes do projeto político do curso de Pedagogia da UFMT, no Estágio Supervisionado II, no momento destinado à regência, o estagiário deverá iniciar um exercício de *docência compartilhada*. A regência autônoma no ensino básico permite ao aluno/estagiário articular teoria/prática e adquirir responsabilidade ao assumir uma sala de aula, na Educação Infantil e/ou nos Anos Iniciais da Educação Básica do Ensino Fundamental, com todas as suas implicações (PPC Pedagogia, 2008).

Entende-se que o Estágio Supervisionado organizado em momentos específicos (observação, planejamento, regência e registro) irá propiciar ao estudante do curso de Pedagogia e futuro professor compreender na prática quais serão as suas principais atribuições, comportamentos a serem adquiridos e vivências que poderão experimentar ao longo da sua jornada profissional como professor/pedagogo.

O período reservado para a pesquisa/observação envolveu o estudante na leitura investigativa da sala de aula. Observar torna-se o instrumento que, conforme Freire (1996, p.12): “apura o olhar (e todos os sentidos) tanto do educador quanto do educando para a leitura diagnóstica de faltas e necessidades da realidade pedagógica.” Importante salientar que a observação se deu com intuito de observar a situação pedagógica, assim como diz Freire (1996,



p.14): “Observar uma situação pedagógica é olhá-la, fitá-la, mirá-la, admirá-la, para ser iluminado por ela.” A autora argumenta que para objetivar esse aprendizado, “o olhar é direcionado para três eixos que sedimenta a construção da aula: o foco da aprendizagem individual e/ou coletiva; o foco da dinâmica na construção do encontro e o foco da coordenação em relação ao seu desempenho na construção da aula.” (FREIRE, 1996, p. 45). Segundo Gil (2008, p.119), a observação “constitui elemento fundamental para a pesquisa”, é a partir dela que é possível delinear as etapas de um estudo.

O planejamento das atividades remotas foi sendo confeccionado pelos estagiários, em conjunto com a professora regente, apoiado pela coordenação da escola e acompanhado pela supervisora do estágio.

Para o início dos trabalhos com as crianças, os estagiários tiveram que se inserir nos grupos de *Whatsapp* da escola e realizar o acompanhamento delas por meio dessa plataforma, momento em que tiveram o primeiro contato com as turmas para observar o seu ritmo e conhecer as crianças. Tiveram também a oportunidade de observar as aulas ministradas por um professor em exercício na educação básica e foram estimulados a planejar a sua intervenção em sala de aula.

FORMATO *ONLINE* DO ESTÁGIO

Em 8 de dezembro de 2019, foram registrados os primeiros casos de COVID-19⁴ (coronavírus) na China. Por sua vez, em 26 de fevereiro de 2020, foi confirmado o primeiro caso do coronavírus no Brasil e, em março desse ano, em Cuiabá.

Devido à situação ímpar que o estado de Mato Grosso esteve submetido devido a COVID-19 desde março do ano de 2020, que alterou e impactou as atividades das instituições educacionais, sendo suspensas as aulas presenciais nas escolas municipais assim como as aulas da Universidade Federal de Mato Grosso, mostrou-se necessário que o Ensino Superior fosse modelado de acordo com as novas exigências impostas pelo período pandêmico. Assim, a Disciplina de Estágio Supervisionado II, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso, foi modelada para que ocorresse *online* a fim de respeitar as decisões governamentais de isolamento social.

⁴ A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global.



A Universidade Federal de Mato Grosso, a partir do parecer de n.º 60, de 28 de setembro de 2020, que dispõe sobre a regulamentação dos Estágios Obrigatórios e Não-Obrigatórios durante a pandemia do coronavírus na instituição, aprovado pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE)⁵, abriu a possibilidade desse componente curricular ser ofertado no formato *online*.

ENSINO REMOTO

O período de isolamento social em que o mundo foi submetido devido à pandemia alterou o processo de interação do ser humano e as atividades que eram tidas como comuns antes da pandemia já não ocorriam. Fez-se necessário realizar adaptações e pensar em possibilidades para o desenvolvimento das atividades no novo cenário mundial, e tais mudanças ocorreram em diversas áreas, entre elas, a educação.

O uso das tecnologias de informação e comunicação foi e continua sendo protagonista no período pandêmico, uma vez que ela foi uma importante ferramenta para que as atividades continuassem, mesmo com o isolamento social. A relação entre tecnologia e educação já existia muito antes da pandemia surgir e o novo cenário multiplicou essa relação, possibilitando novos rumos ao debate.

A relação tecnologia e educação não é nova. Os conceitos e teorias que permeiam esses debates e ações já haviam sido traçados e debatidos. Esses conceitos e teorias são importantes, pois eles dizem respeito à realidade educacional, uma vez que a tecnologia no processo de educação pode alterar também o currículo. A relação entre teoria e currículo e seus reflexos na realidade escolar existe, conforme Silva:

É impossível separar a descrição simbólica, linguística da realidade - isto é, a teoria - de seus 'efeitos da realidade' 'teoria' não se limita, pois a descobrir, a descrever, a explicar a realidade: a teoria estaria irremediavelmente implicada na sua produção. Ao descrever um 'objeto', a teoria, de certo modo, inventa-o. O objeto que a teoria supostamente descreve é, efetivamente um produto de sua criação. (2000, p.11).

⁵ O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) é um órgão normativo, deliberativo, consultivo e última instância para recursos nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, nos termos da legislação vigente. A ele compete exercer a gestão da Universidade em matéria relacionada ao ensino, à pesquisa e à extensão, supervisionando e fiscalizando as atividades didático-científicas realizadas pela UFMT. Funciona na forma colegiada, nos termos da legislação federal, disposições estatutárias e por seu regimento. É composto por 54 membros, que vão desde a reitoria e respectivos pró-reitor de ensino até os representantes docentes dos Institutos e Faculdades, bem como os órgãos de representação discentes.



Sendo assim, é importante pontuar que a teoria de tecnologia que perpassa a educação, no momento intermediada pelas tecnologias, foi e é fundamental para o andamento das aulas e continuidade do processo de ensino-aprendizagem.

O Ensino Superior, a Educação Infantil e o Ensino Fundamental tiveram momentos diferentes no que tange à adoção da mediação por tecnologia em suas atividades escolares. No Ensino Superior o processo de adesão foi gradual; já na Educação Infantil e Ensino Fundamental o processo ocorreu de forma relativamente rápida, devido a ordens emanadas da administração pública: estaduais e municipais, mediante a documentação legal.

Devido a pandemia se usou o Ensino remoto emergencial. Silva, Andrade e Brinatti (2020) definem o que seria ensino remoto emergencial (ERE):

Ao contrário de experiências educacionais totalmente projetadas e planejadas para serem online, o ERE responde a uma mudança repentina de modelos instrucionais para alternativas em uma situação de crise. Nessas circunstâncias, faz-se uso de soluções de ensino totalmente remotas que, de outra forma, seria ministrado presencialmente ou como cursos híbridos e que retornarão a esse formato assim que a crise ou emergência tiver diminuído. (2020, p. 09).

O ensino remoto influencia a construção do planejamento das aulas bem como o trabalho da instituição com um todo. O planejamento escolar assume um papel importante na concretização do ensino remoto, pois, no contexto de pandemia, ganha ainda mais notoriedade tendo em vista a dificuldade de manutenção dos vínculos dos indivíduos com a instituição de ensino por diversos fatores (RODRIGUES *et al.*, 2020).

É imprescindível que as instituições de ensino pensem num espaço próprio para tal, que possibilite o processo de escolarização, selecionando uma ou várias plataformas, pois “na educação mediada por meio de tecnologias se faz necessário selecionar a plataforma de gestão do processo de ensino aprendizagem de acordo com a modalidade escolhida.” (ROCHA, 2021, p. 05).

A escola pública pesquisada durante o período de estágio optou por utilizar a plataforma *Whatsapp*, tanto no ano letivo de 2020 quanto no ano de 2021. No período da regência, a primeira plataforma ao qual fomos inseridos para o contato inicial com a coordenadora pedagógica, com a professora regente da escola e com a turma do 2º ano foi a do *Whatsapp*⁶.

⁶ Whatsapp é um aplicativo para telefones, mas não para qualquer telefone, visto que se destina a aparelhos telefônicos que tenham como sistema operacional Android e iOS.



OS DESAFIOS E AS POSSIBILIDADES DO ESTÁGIO DE REGÊNCIA *ONLINE*

O estágio é uma parte importante da graduação e se faz extremamente necessário no curso de Pedagogia; sendo assim, é importante que saibamos a definição do estágio, que é visto como estágio curricular por Pimenta. Segundo a autora (2002, p. 21), “por estágio curricular entende-se as atividades que os alunos deverão realizar durante o seu curso de formação, junto ao campo futuro de trabalho.” É no estágio que o aluno tem a oportunidade de conectar tudo que foi aprendido durante a graduação na docência, confirmando, assim, que a teoria e a prática não se dissociam e andam sempre juntas.

Pimenta e Lima (2012, p. 43) confirmam a ligação que existe entre teoria e prática:

O papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicitações sempre provisórias da realidade.

Então, por meio do estágio, o aluno/estagiário encontra instrumentos para colocar em debate as teorias que foram estudadas ao longo do curso, podendo ser necessário colocá-las em questionamento.

Os estagiários foram inseridos em um grupo, criado no aplicativo *Whatsapp*, grupo que foi denominado *2ºAno/ A FPS*. Essa inserção ocorreu no dia 23 de fevereiro. As aulas das professoras regentes ocorriam utilizando o aplicativo *Whatsapp*. Importante salientar que a observação se deu com intuito de perceber a situação pedagógica. Observar a situação pedagógica da professora daria um norte acerca de como prosseguir.

O primeiro dia, foi planejado, uma atividade para diagnosticar de que modo a criança se encontrava em relação à leitura e à escrita. Os demais planejamentos de outros dias, por exigência da coordenadora pedagógica, foram produzidos com base nas atividades da apostila e dos livros didáticos. As páginas a serem trabalhadas nos dias de estágio eram fornecidas pela professora regente, sendo importante e necessário ter um alinhamento entre o conteúdo trabalhado por ela e aquele trabalhado pelos estagiários. Os livros utilizados foram o de Língua Portuguesa, matemático e livro integrado de História, Ciências e Geografia, destacando-se que a apostila também abordava essas matérias.

Um dos desafios vividos por durante o planejamento referiu-se ao tempo para a elaboração das atividades a serem desenvolvidas nas aulas, pois a professora regente enviava para as



A escolha das palavras do dia era feita de acordo com o tema da aula ou a leitura deleite e/ou música do dia pelos estagiários. No terceiro momento, a atividade utilizava o livro didático, o que era feito por meio de textos, áudios e vídeos gravados mediante as ferramentas digitais. O livro utilizado, normalmente, era de Língua Portuguesa. O quarto momento foi destinado ao recreio, cujo tempo era de 15 minutos, para os alunos poderem descansar, beber água, ir ao banheiro etc. O quinto momento foi reservado para atividades também, normalmente sendo utilizado o livro integrado de Ciências, História e Geografia ou de Matemática, dependendo do dia. Esse momento era reservado para realização de atividade e exercícios, utilizando a letra cursiva. Essa atividade, portanto, era para copiar as letras do alfabeto em letras cursivas.

Ao elaborar o planejamento das atividades, o desconhecimento da realidade dos estudantes parecia um empecilho. Era preciso saber com quem essas crianças ficavam em casa durante o período da aula, como era o acesso delas à *internet* e ao aparelho celular. Isso não foi possível verificar, o que daria suporte, por exemplo, para explorar o motivo de algumas crianças não participarem da aula regularmente, o que limitava o uso das ferramentas digitais de forma mais precisa para a execução das aulas.

Esse processo de conhecimento da realidade do aluno e dos diferentes aspectos que permeiam a aula remota da criança tentou ser feito, mas foi negado pela coordenadora pedagógica da escola, pois, segundo ela, já existe uma rotina de trabalho estabelecida e essa pesquisa poderia desestruturá-la. A professora regente enfatizou que também se trabalhava com aula assíncrona, e o motivo desse desconhecimento da realidade das crianças se devia a vários fatores, como a disponibilidade dos pais para acompanhar os filhos no momento das aulas, no desempenho das tarefas e em atividades e na falta de aparelhos celulares acessíveis para as crianças. Após esse diálogo, a possibilidade de encontros síncronos foi suprimida e todo planejamento teve como base atividades assíncronas. Santos (2020,p.1) reflete sobre a não democratização dos encontros síncronos, que, cujas atividades, a seu ver:

[...] forjam vínculos afetivos incríveis, provocam sentimentos de pertença, permitem disparar conversas e fechar ciclos de debates. Mas não são encorajadas pela diferença técnica de acesso às condições de conexão, mas por condicionarem a interação a um tempo real. O modelo síncrono não democratiza a participação de todos, e a flexibilidade do tempo é um dos fundantes da comunicação assíncrona.

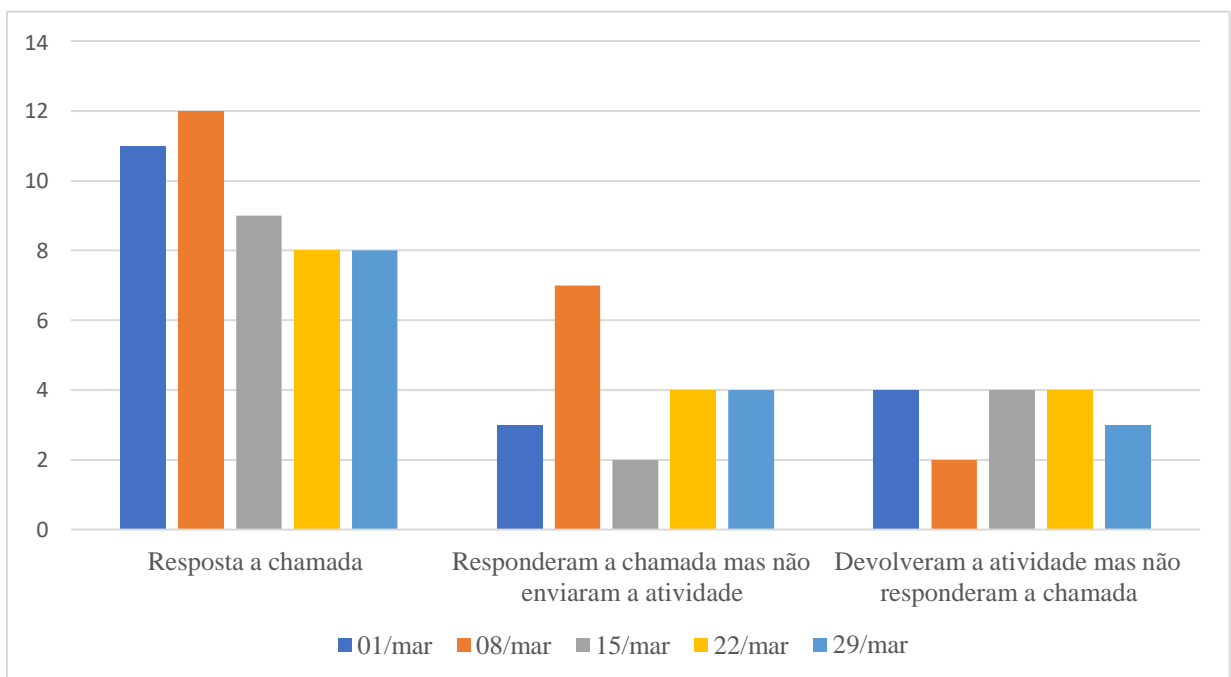


O uso exclusivo da comunicação assíncrona foi o primeiro desafio, tendo em vista seus impactos para o planejamento das aulas. Como afirma Santos na citação mencionada, o fato dos encontros síncronos não democratizarem de uma forma mais abrangente a participação de todos foi um dos pilares para a justificativa da escola para com o trabalho assíncrono; por outro lado, os benefícios do encontro síncrono se perdem no processo de ensino da escola, uma vez que não são adotados pela escola.

A partilha em tempos variados é um dos fatores que definem a atividade assíncrona. O fator que sustenta a atividade assíncrona foi um desafio no estágio, pois em uma sala de aula presencial há uma interação dos alunos com os professores, que perpassa toda a aprendizagem. No ambiente *online* essa interação do professor com o aluno era mínima. Era sentido um silêncio incômodo que só se rompia com a chegada das fotos das atividades, porém, os alunos faziam as atividades e enviavam, muitas vezes, sem tirar dúvidas, sem dizer nada, apenas realizavam o envio da atividade; com isso, não existia uma interação maior com eles.

Notou-se que não havia a participação de todos os alunos nas aulas. Nos meses de março, abril e maio, viu-se que, em relação à chamada, alguns alunos respondiam nominalmente, mas não enviavam atividade ou vice-versa, conforme os gráficos a seguir:

Gráfico 1 – Chamada de segundas-feiras, em março

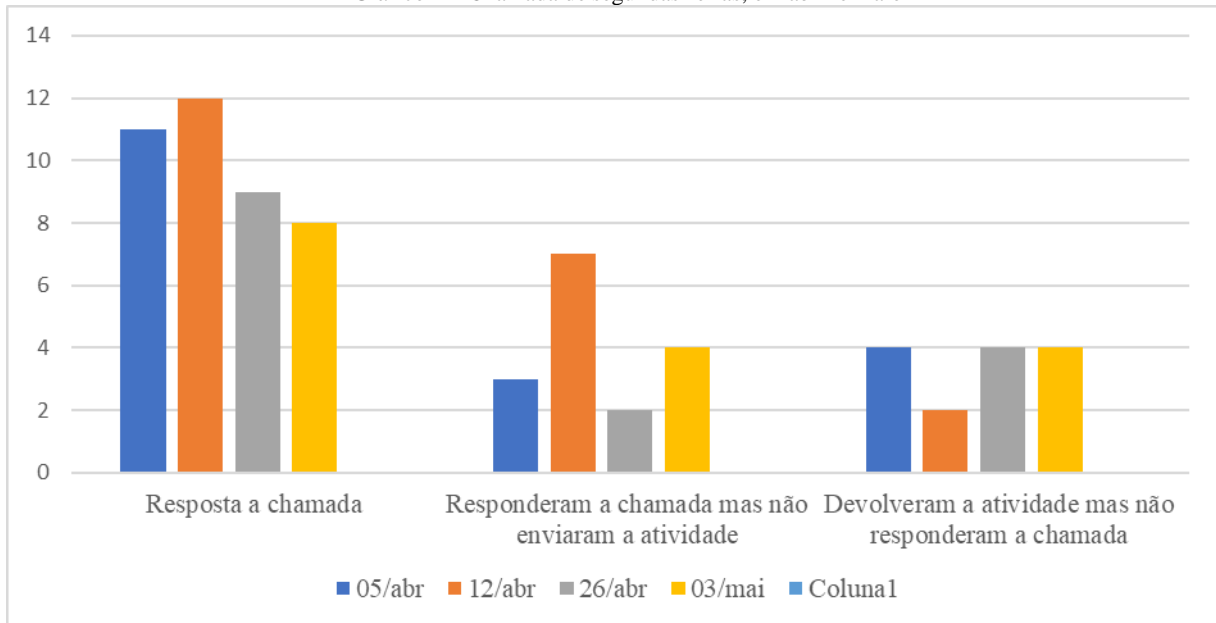


Fonte: Elaborado pelos autores (2021)



O gráfico 1 refere-se ao mês de março, refletindo dados das segundas-feiras. Pode-se ver que, em média, 10 alunos responderam à chamada no mês, sendo que, em média, quatro responderam à chamada, mas não enviam atividade e quatro alunos devolveram atividades sem responder à chamada.

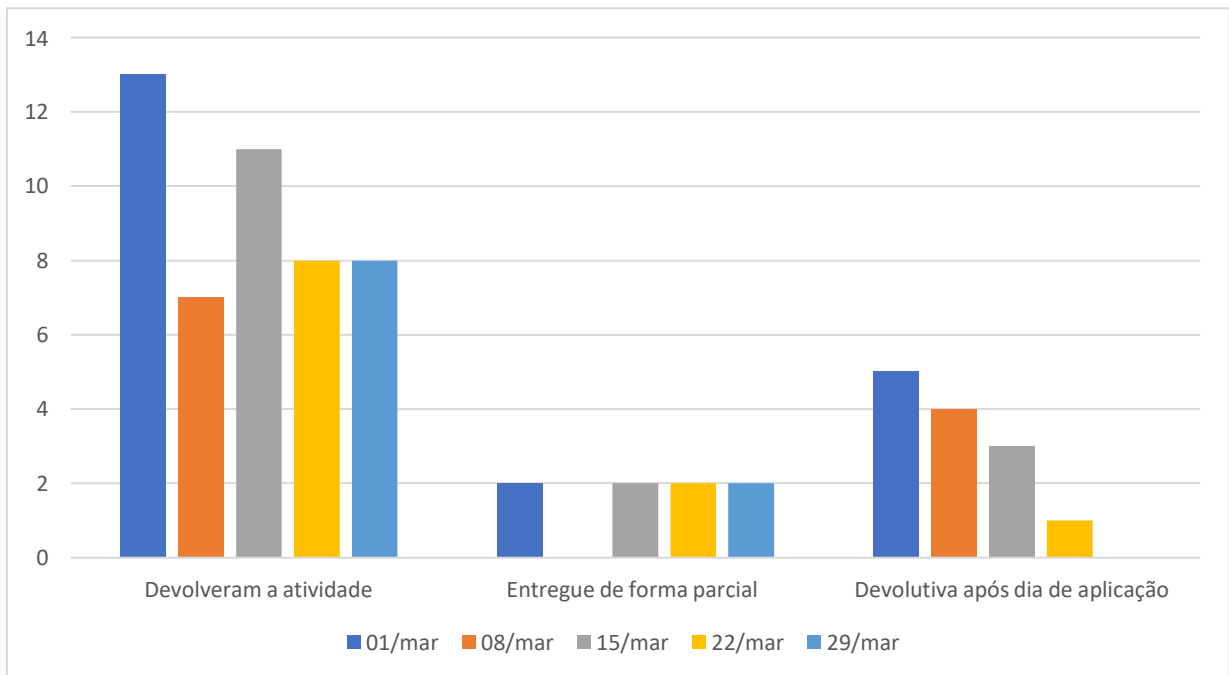
Gráfico 2 – Chamada de segundas-feiras, em abril e maio



Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

Já o gráfico 2 mostra que nas segundas-feiras do mês de abril e da primeira segunda-feira de maio, em média, 10 alunos responderam à chamada, sendo que dois alunos responderam, mas não enviaram a atividade proposta e quatro devolveram a atividade, mas não responderam à chamada.

Em relação às devolutivas das atividades dos alunos, para saber de que forma elas aconteciam, elaborou-se dois gráficos para poder evidenciar os dados dos meses de março, abril e maio. É possível visualizar no gráfico abaixo, os seguintes dados:



Fonte: Elaborado pelos autores (2021)

De acordo com o gráfico 3, no mês de março, em média 10 alunos devolveram atividade e em média, dois alunos entregaram de forma parcial a atividade. Normalmente realizavam apenas atividade de Português ou de Ciências ou, ainda, apenas a tabela que faz parte da atividade permanente do dia. Em média, quatro alunos enviavam atividade, porém, alguns dos responsáveis por eles justificavam caso fossem enviar a atividade mais tarde, por estarem trabalhando, por terem aula no mesmo horário da criança ou por médico agendado.

Como é perceptível, o período dedicado à regência foi desafiador devido à evasão dos alunos. A primeira preocupação foi na escolha de qual caminho trilhar, o que fazer para recuperar os alunos que não estavam participando das aulas. Decidiu-se conversar com a professora regente. Ela informou que a escola tinha um projeto para atender os alunos com baixa frequência, que se intitula *Projeto Caracol*. Ao analisar o Projeto Político-Pedagógico (PPP), verificou-se que a escola já possuía esse projeto desde, pelo menos, 2016, ano da última atualização do PPP. Segundo o documento:

O Projeto Caracol tem por finalidade acompanhar e garantir a frequência escolar e o direito do educando de ser assistido por seu responsável visando um melhor desempenho acadêmico e sucesso escolar, bem como, sensibilizar a família que a frequência escolar é primordial para o processo de ensino aprendizagem e é um direito



Esse projeto é implantado em toda a rede municipal, “quando é detectada alguma infrequência de estudantes, o projeto Caracol é acionado, o qual entra em contato com a família para maiores esclarecimentos.” (Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal de Educação Básica de Cuiabá, 2016, p.38). Os professores do projeto são encarregados de irem em busca dos alunos. Entram em contato com a família do aluno e buscam acompanhar e se inteirar dos motivos da ausência das crianças na escola e levantam sugestões de como melhorar a participação ou voltar a garantir essa participação. A responsável por enviar a lista dos alunos com baixa frequência ao Projeto Caracol era da professora regente.

No final do bimestre houve uma avaliação bimestral. Os estagiários não participaram da elaboração dessa avaliação, embora sua aplicação estivesse prevista para ocorrer nas datas da regência de sala. A avaliação foi disponibilizada aos alunos pelo formulário criado no *Google Forms*.

Observou-se nesse período que as crianças estavam lendo e a maioria escrevendo de forma autônoma, sem maiores dificuldades. Porém, em algumas atividades era possível visualizar o uso da borracha, como se a resposta fosse apagada várias vezes até que a atividade estivesse correta, o que, muitas vezes, causava certo questionamento quão autônoma a criança era nas atividades, o quanto os responsáveis nela interferiam e de que forma ocorria a interferência na execução das tarefas e atividades.

O processo de elaboração do planejamento das aulas a serem ministradas, pelos estagiários, foi realizado em parceria com a professora regente. Pimenta e Almeida (2014), ao abordarem a aproximação entre estagiários e professor regente durante a prática do estágio supervisionado, afirmam:

A aproximação do aluno estagiário com o professor da escola não é apenas para verificar a aula e o modo de conduzir a classe. É também para pesquisar a pessoa do professor e suas raízes, seu ingresso na profissão, sua inserção no coletivo docente, como conquistou seu espaço e como vem construindo sua identidade profissional ao longo dos anos. (2014, p. 137).

A pesquisa da *pessoa da professora* foi feita com sutileza e permitiu conhecer traços da trajetória da professora regente, essenciais para compreender vestígios da prática da professora bem como dificuldades e tensões vivenciadas por ela nesse momento de pandemia com o uso



das tecnologias e do ensino no formato remoto. Alves (2020) pontua acerca da prática adotada por docentes em período de educação remota, conforme:

As práticas docentes que vêm sendo realizadas reproduzem o que tem de pior nas aulas presenciais, utilizando um modelo de interação *broadcasting*, no qual os professores transmitem informações e orientações para um grupo de alunos que nem sempre consegue acompanhar o que está acontecendo nesses encontros virtuais e participar. Esse é um clássico exemplo de uma perspectiva instrumental da tecnologia. (2020, p. 361).

A pouca resposta dos alunos tanto na chamada quando por devolutiva, por vezes, instaurou um sentimento de impotência e fracasso acerca das atividades realizadas e, sobretudo, do desempenho dos estagiários na sua aplicação. Como bem pontua Alves (2020), o sentimento que se tem é de uma interação *broadcasting*, ou seja, atua-se para entregar a informação ao aluno, somado a pouca possibilidade de adotar ferramentas diferentes da assíncrona, através do *Whatsapp*, nas aulas. Foram, portanto, fatores de cerceamento das práticas, e isso somado à falta de conhecimento da realidade social e familiar das crianças. Por vezes, tornava-se um processo solitário e às escuras; entretanto, a experiência do estágio foi fundamental para conhecimento da realidade que a educação vem enfrentando.

Pimenta e Lima ao abordarem a questão da aproximação da realidade da escola por parte do estagiário dizem que “a aproximação à realidade só tem sentido quando tem conotação de envolvimento, de intencionalidade, os estágios burocratizados carregados de fichas de observação, traduz uma visão míope de aproximação da realidade.” (PIMENTA; LIMA, 2005/2006, p.14).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atuar e estagiar no cenário da pandemia de COVID-19, obedecendo às medidas restritivas de circulação nas instituições educativas, com o ensino no formato remoto, desenvolvido, por vezes, em ambientes virtuais e mediado por Tecnologias da Informação e Comunicação, tem deixado marcas.

Foi possível durante o estágio enxergar o número significativo de modelos e documentos pré-estabelecidos pelas secretarias de educação, com indicações para planejamento das aulas, como o modelo de plano anual e bimestral, a matriz de habilidades essenciais para serem trabalhadas na turma durante um certo período, enviado pela secretaria municipal de educação para as escolas. Isso, somado às práticas já existentes, abriu pouco espaço para aplicação de atividades diferenciadas daquelas utilizadas habitualmente em sala de aula.



Por vezes, a pouca resposta dos alunos tanto na chamada quanto na devolutiva das atividades instaurou um sentimento de impotência e fracasso acerca das nossas práticas como estagiários.

As aulas ministradas via Whatsapp foram fatores de limitação das práticas pedagógicas durante o estágio, pois a interação com os alunos dentro do aplicativo de mensagem era escassa, o que supostamente em chamadas de videos poderia ocasionar em mais interações entre estagiários e alunos. Somado a isso, a falta de conhecimento da realidade social e familiar das crianças, por vezes, tornou o processo solitário e às escuras, uma vez que uma parcela significativa dos alunos não participava das aulas como é observado no grafico 1 em que é constatado que em média 5 alunos entregaram atividades no mes de março, e nada podia se fazer devido às apostas em um projeto que também não foi apresentado de maneira clara.

Assim, a experiência do estágio foi fundamental para conhecimento da realidade que a educação vem enfrentando. De igual forma, a experiência teórico/prática permitiu-nos entender e ver melhor que a aproximação com a realidade só tem sentido quando há conotação e envolvimento, uma intencionalidade, pois a maioria dos estágios limita-se ao preenchimento de fichas, à burocracia e possui uma visão míope e desconexa da realidade.

Atuar em cenário pandêmico e utilizar as tecnologias para mediação da aula foi desconcertante. Diríamos, inclusive, penoso para nós, mostrando pontos acerca do ensino remoto que têm deixado marcas em alguns momentos para o bem e em outros para o mal. Para o bem porque às vezes permitiu encontros afetuosos com as crianças e boas dinâmicas nas aulas propostas, mesmo na pandemia. Para o mal porque a repetição de modelos persistiu, mitigando o desenvolvimento dos potenciais das crianças, deixando-as entediadas e desanimadas para participar das aulas remotas. Outras vezes, foi razão da exaustão física e mental de professores e alunos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lynn. **Educação remota:** entre a ilusão e a realidade. Interfaces científicas, Aracajú, v. 8, n. 3, p. 350 – 364, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9251>. Acesso em: 04 jun. 2021.

FREIRE, Madalena. **Observação, registro e reflexão.** Instrumentos Metodológicos I. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996. p.12-45.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 119.

LINHA DO TEMPO DO CORONAVÍRUS NO BRASIL. Disponível em:



<https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 3 jun. 2021.

MATO GROSSO. Universidade Federal de Mato Grosso. **Projeto Pedagógico do curso de pedagogia**. Cuiabá: UFMT, 2008.

MATO GROSSO. Francisco Pedroso da Silva. **Projeto Político Pedagógico**. Cuiabá: 2016, p. 29 – 38.

MATO GROSSO. Universidade Federal de Mato Grosso. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução n° 60, de 28 de setembro de 2020**. Dispõe sobre a regulamentação dos Estágios Obrigatórios e Não-Obrigatórios durante a pandemia do Coronavírus. Cuiabá: CONSEPE, 2020. Disponível em:

<http://sistemas.ufmt.br/ufmt.resolucao/FrmConsultarResolucao.aspx>. Acesso em: 8 jun 2021.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2012.p.43.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poésis**, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006.

PIMENTA, Selma Garrido; ALMEIDA Maria Isabel de. **Estágio supervisionado na formação docente: Educação básica e Educação de Jovens e Adultos**. São Paulo: Cortez, 2014. p.137.

ROCHA, Telma Brito. O Plano de Aula para Educação On-line na Pandemia de Covid-19. **EaD em Foco**, v. 11, n. 2, 2021. p. 01-13. Doi: 10.18264/eadf.v11i2.1460. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/1460>. Acesso em: 04 jun. 2021

RODRIGUES, Maria Graciele de Souza *et al.* Planejamento pedagógico no contexto de ensino remoto. SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2020. **Anais [...]**. Faculdade do Maciço de Baturité, 2020. Disponível em: <https://anais.faculdadefmb.edu.br/wp-content/uploads/2020/12/RESUMO-EXPANDIDO-PEDAGOGIA-PLANEJAMENTO-PEDAG%C3%93GICO-NO-CONTEXTO-DE-ENSINO-REMOTO.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2021.

SANTOS, Edméa. EAD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos. **Notícias, Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, agosto de 2020, *online*. ISSN: 2594-9004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1119> . Acesso em: 7 jun. 2021.

SILVA, Luiz Rutz da Silva; ANDRADE, André Victor Chaves de; BRINATTI, André Mauricio. Ensino remoto emergencial, Ponta Grossa, 2020. p. 8 - 81.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias de currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.11.